



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/viver-e-uma-impossibilidade-coletiva>

Viver é uma impossibilidade coletiva: algumas formas como a pós-verdade sequestra o consenso

Chana de Moura¹

RESUMO: O novo ciclo de populismo mundial pode ser diferenciado de seus outros ciclos históricos pelo seu fortalecimento gerado a partir da disseminação de notícias falsas. O conceito de pós-verdade é explorado nesse ensaio como um dos fatores agravantes da tendência política de governantes populistas, que tendem a recorrer à negação deliberada dos fatos para manipular a compreensão da realidade. Agravante da compreensão equivocada das implicações de crises como a do colapso climático, é traçada uma contextualização de fatores socioculturais que historicamente contribuíram e que ainda contribuem para diferentes crises locais e globais.

PALAVRAS-CHAVE: Negacionismo climático. Pós-verdade. Populismo.

Living is a collective impossibility: how post-truth politicians undermine consensus

ABSTRACT: The new global cycle of populism can be distinguished from other historical cycles by its growth through the dissemination of fake news. In this context, the concept of post-truth is explored in this essay as one of the aggravating factors in the political tendency of populist rulers, that is, to resort to a phenomenon known as denialism. Based on this observation, a contextualization of sociocultural factors that has historically contributed and still contributes to different local and global crises, and that affect the understanding of the real implications of crises, such as the climate crisis, is drawn up.

KEYWORDS: Climate denialism. Post-truth. Populism.

Em 2016, quando as notícias falsas dominavam os processos eleitorais nos Estados Unidos e o fenômeno das *fake news* se alastrava pelo mundo, “pós-verdade” foi eleita a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. Segundo o dicionário britânico, o verbete significa “relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal”. Na era das pós-verdade intensifica-se cada vez mais uma das crises fundamentais no tecido social atual: a crise da confiança. As consequências dessa crise de confiança embaralham as fronteiras entre fatos e mentiras, e fomentam um solo fértil para a proliferação do negacionismo, como a exemplo do negacionismo climático. A crise ecológica global exige medidas universais, entretanto, em função das estruturas políticas mundiais vigentes, parece ser impossível a criação de um plano verdadeiramente unificador entre nações, necessário para tratar de assuntos planetários. Por falta de acordos eficazes entre nações, medidas de combate ao colapso



climático acabam servindo, frequentemente, como meros paliativos. Além disso, múltiplos eventos relacionados às mudanças climáticas são retratados, inclusive por líderes políticos mundiais, como desconectados entre si, reversíveis ou mesmo irreais. Alegações como essas são geralmente convenientes para as alianças entre governos e corporações, que frequentemente se beneficiam com a disseminação da desinformação. Sendo veiculadas diariamente em meios de comunicação, e especialmente nas redes sociais, notícias sem bases científicas tendem a auxiliar a piorar ou apenas a manter o estado das coisas como são.

A constante global é de que, em algum momento, todos os cidadãos já foram decepcionados profundamente por instituições que deveriam garantir a manutenção da sociedade. A cada decepção política nacional, surgem novos candidatos dispostos a adotar a estrutura da “saída simplista” para problemas complexos, uma prática que tem sido reciclada por diferentes políticos no decorrer do ciclo histórico. De forma geral, o crescimento do populismo cíclico é caracterizado por moldar a opinião pública de acordo com interesses de elites. Fatos objetivos, nesse contexto, passam a ter menos influência nos comportamentos do que apelos às emoções e às crenças pessoais. No documentário *Hipernormalização* (2016), o diretor Adam Curtis dissecou poderosas redes tramadas entre corporações, governantes e meios de comunicação de massa. O filme expõe como nossas vidas são rodeadas de aparatos complexos de distração que, diante de crises, surgem na forma de estratégias como a publicidade, e cujo intuito é o de fabricar desejos de consumo desnecessários. “Eles sabem que sabemos que eles mentem” é uma frase extraída de um trecho do documentário de Curtis. O escritor russo Alexei Yurchak, que criou a expressão que dá nome à obra, elaborou esse conceito tendo em mente as dinâmicas sociopolíticas e culturais estabelecidas no fim do estado soviético, em que absurdos eram normalizados. Em um mundo dominado pela *hipernormalização*, entende-se a estratégia política dominante como uma constante tentativa de fabricar verdades.

Ao observar aspectos da história das civilizações, pode-se perceber a confiança mútua como uma das fundações onipresentes nas consolidações das sociedades. O historiador Yuval Harari (2015) observa que comunidades e civilizações inteiras se desenvolveram baseadas em narrativas e acordos mútuos, formas efetivas de viabilizar a evolução desde o início da história. Entretanto, a confiança coletiva que historicamente originou fortes sistemas cooperativos, vem se tornando uma mera mercadoria na contemporaneidade. A *internet* que, nos seus primórdios, provia uma alternativa às discrepâncias sociais do mundo físico, também se tornou um espaço prolífico para o domínio das corporações e outros agentes com intenções duvidosas. William Gibson (1984), em seu livro *Neuromancer*, trouxe à vida o termo *cyberspace*. Prevendo a possível decadência do espaço virtual, décadas atrás, Gibson imaginou em sua obra um web cenário distópico e dominado por corporações,



ironicamente similar ao que a *internet* vem se tornando hoje. A conectividade virtual que, anteriormente, possibilitava tanto o florescimento de narrativas multiangulares quanto a democratização da informação, trouxe consigo uma camada extra de complexidade para o tecido sociocultural, intensificando a corrosão da capacidade humana de confiar. Se não há confiança na estrutura e nas pessoas que compõe nosso entorno, tendemos a alimentar visões e narrativas maniqueístas de mundo. Quando se rompe um acordo fundamental da vida em sociedade, ou seja, a cooperação baseada em confiança mútua, passamos a habitar uma realidade mais hostil. Quando instituições governamentais não são entidades fidedignas, a confiança é passível de se tornar uma nova e intercambiável moeda no cenário global. Em uma era em que a verdade pode ser manufaturada, diferentes situações de crises evidenciam como as convenções democráticas são frágeis, podendo ser facilmente manipuladas.

Shoshana Zuboff (2019), em seu livro *The Age of Surveillance Capitalism*, explora como as empresas de tecnologia utilizam o espaço virtual para extrair e refinar dados de usuários. Para a autora, o intuito das corporações não é apenas de usar tais informações para predição de comportamento, mas também para um conhecimento intenso do próprio usuário, ainda mais profundo que ele mesmo possa ter de si. Com esses dados em mãos, afirma Zuboff (2019), as organizações conseguem prever os passos futuros dos usuários. Desse modo, com os dados coletados por corporações tecnológicas, distribuídas em plataformas como Google ou WhatsApp, são vendidos a diferentes empresas. Estas, ao adquirirem tais informações, podem então criar narrativas de consumo que se enquadram com o perfil de cada indivíduo, potencializando seus poderes de alcance.

Assim, a posse desse conhecimento é usada também para promover a manipulação do comportamento humano, arrastando usuários para dentro de narrativas sem que possam ao menos perceber, criando desejos de consumo que anteriormente nem sequer existiam. Remontando às bases do sistema capitalista, o capitalismo de vigilância se trata de um aprimoramento do mesmo. Em uma palestra, Evgeny Morozov aponta estes recentes aperfeiçoamentos neoliberais como características de um novo estado social, regido por algoritmos. Um regime que é intimamente relacionado ao *hipercapitalismo*² e que, segundo ele, pressupõe vigilância universal e ubíqua, como uma pré-condição para o usuário receber quaisquer benefícios.

Embora a essência do capital resida no conceito de escassez, as crises capitalistas são, contrastantemente, crises de abundância. Nesse sistema, se produz muito mais do que é necessário produzir, e é nesse fator que se fundamenta a eterna necessidade de invenção do desejo inerente à cultura capitalista. Tal lógica justifica quantidades bestiais de recursos naturais são desperdiçadas em nome da produção em larga escala de produtos desnecessários. Assim como se notou na crise do



pós-Segunda Guerra Mundial, com a popularização do *american way of life*, os mecanismos de consumo atuais figuram como paliativos para cicatrizes existenciais deixadas por sistemas socioculturais falidos. Tradicionalmente, a lógica capitalista busca oferecer simultaneamente o remédio e a doença aos seus participantes. Entretanto, o capitalismo nunca oferece a cura: caso a possibilitasse (se permitisse que as pessoas percebessem que aumentar hábitos consumistas de fato não preenche vazios existenciais), este sistema entraria em ruína instantaneamente. Isso se dá, pois, o capitalismo é basicamente fundamentado na manufatura do desejo, e é precisamente por isso que crises são endêmicas a este sistema, assim como constataram Karl Marx e Friedrich Engels (1848), na obra *Manifesto Comunista*³.

Décadas depois de sua instauração praticamente global, é perceptível o fato de que o sistema capitalista fornece uma espécie de terceirização do bem-estar. Ofuscando feridas profundas, o consumismo figura constantemente como resposta imediata a crises profundas, atuando como um agente terceirizador. Atualmente, tanto a crise da falta de confiança mútua, como também a crise de esperança em um futuro alternativo ao que o meio socioeconômico atual oferece, têm posto à prova a premissa de que o consumo remedia tudo. Deste modo, pode-se conceber o capitalismo como “aquilo que resta quando crenças colapsam ao nível da elaboração ritual ou simbólica, e tudo que resta é o consumidor-espectador, arrastando-se através das ruínas e relíquias” (FISHER, 2009, p. 116). Mark Fisher, ao ressaltar que quando caminhamos pelos museus europeus encontramos uma variedade de objetos sacros deslocados de seus contextos originais, demonstra a capacidade humana de tornar dinâmicas de domínio civilizacional em patologias. Ao banalizar diferentes aspectos da vida social e das culturas não ocidentais, o realismo capitalista, expressão cunhada por Fisher, converte práticas ancestrais e ritualísticas em meros objetos estéticos (FISHER, 2009). Nesse sistema, o poder do fetichismo agregado a mercadorias precisa existir para sustentar sua lógica produtivista.

O sistema capitalista tem historicamente evidenciado seu poder de viabilizar efetivamente diferentes mecanismos de controle. Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) em um pensamento nomeado como *esquizoanálise*, buscam criticar estados psico-políticos de modelos de controle. Nessa perspectiva, em uma sociedade ideal, deve ser propiciado um ambiente destinado à cura de patologias, em que as pessoas possam romper com padrões de controle psico-políticos que as englobam. Romper com tais padrões trata-se de uma tarefa complicada, pois os mecanismos alicerces capitalistas geram constantes crises de narrativas. Ao embaralhar perspectivas e turvar a realidade, tais narrativas exemplificam seu poder de indução que torna indivíduos em participantes de narrativas alienadas (aqui, pensar o conceito de Marx em um contexto expandido).



Idealmente, no processo democrático representativo, o que se pretende ao eleger um representante é simples: através de participação e consenso, eleitores esperam representatividade fidedigna dos políticos eleitos. Grande parte das pessoas confia ou historicamente confiou em instituições centralizadoras de poder, acreditando que poderiam, através delas, terceirizar a confiança. Governos, por exemplo, são entidades onde depositamos a nossa confiança de que o dinheiro público será gerido de forma honesta, mas sabemos que isso nem sempre é verificado. Idealmente, o ato de confiar é uma das bases da democracia, e deve ser mútuo e inerente às relações sociais, pois nada em sociedade se constrói na ausência desse fator. Entretanto, o que diferentes instituições (estatais ou privadas) provaram é que a confiança passou a ser tratada como uma moeda de troca ou uma peça de um jogo, usada de acordo com certas conveniências específicas e momentâneas.

De distintas formas, tanto sistemas governamentais antidemocráticos, quanto corporações tentam incessantemente impor seus ideais reducionistas e imediatistas, forçam nações inteiras a atuar em um roteiro alheio às necessidades reais daqueles indivíduos e comunidades. Durante a pandemia gerada pelo Covid-19, por exemplo, não tem sido raro identificar líderes mundiais sustentando *slogans* que atentam contra a vida, afirmando que a “economia não pode parar em razão de um simples vírus”. Entretanto, segundo Emanuele Coccia (2020), o que este mesmo vírus tem evidenciado é que seu “aparecimento já mudou irremediavelmente nossos estilos de vida, nossas realidades sociais, nossos equilíbrios geopolíticos”; e ainda, “grande parte da angústia que experimentamos hoje é resultante da nossa compreensão de que o menor ser vivo é capaz de paralisar a civilização humana melhor equipada tecnicamente” (COCCIA, 2020). Para ele, o poder transformador de forças invisíveis pode produzir um questionamento no narcisismo das nossas sociedades. Ou seja, o poder transformador de um “simples vírus” reside em definitivamente pôr em xeque as narrativas dominantes. O ser microscópico, a essa altura, evidencia uma rachadura profunda na prática macropolítica entre nações, reforçando o sentimento de que governantes falham deliberadamente em representar os interesses de seus povos.

Bruno Latour (2020), em um artigo publicado no jornal *Le Monde*, relembra que crises de saúde não são novas, assim como nessas ocasiões as intervenções radicais do estado também não são. Para Latour, pandemias despertam nos líderes um auto-evidente senso de proteção, em que estes se sentem impelidos em mostrar como providenciam a proteção da nação pela qual respondem. Embora os fatos atuais tenham feito submergir as capacidades autoritárias de diferentes estados sobre suas populações, também evidenciaram o despreparo e a precariedade de um sistema de valores inteiro. Tanto as estruturas socioeconômicas quanto o caráter frequentemente soberbo do



campo tecnocientífico têm se mostrado ferramentas agravantes desse contexto. Ao provar que até mesmo um microrganismo pode facilmente desestabilizar a mais sofisticada sociedade tecnológica, a ocorrência do vírus poderia descredibilizar o sistema capitalismo de forma definitiva. Se as massas fossem providas de uma educação baseada em capacidades críticas profundas, a pandemia já teria feito brotar, no coração das sociedades, uma revolução global.

Pelo contrário, como observou Yuval Harari, diante de crises globais, as pessoas muitas vezes não têm outra opção senão confiar na ciência, nas autoridades públicas e nos meios de informação. Entretanto, nos últimos anos, políticos irresponsáveis têm exaustivamente minado a confiança pública na ciência (um exemplo desse fenômeno pode ser um governante negacionista climático). Harari (2015) complementa que estes políticos irresponsáveis são os mesmos que tentam traçar uma via rápida ao autoritarismo durante tempos críticos; sob o argumento de que não é possível confiar na população para “fazer a coisa certa” nesses casos. Esses líderes não estariam essencialmente equivocados em um mundo em que a educação não é igualitária, porém não podemos desconsiderar a probabilidade de interesses ocultos por trás dessas alegações. Sócrates já se opunha a um sistema democrático se a maioria dos cidadãos não tivesse acesso a um sistema educacional consistente (IRWIN, 1989). Segundo ele, a educação circundante à democracia deveria ser uma educação capaz de elucidar o campo filosófico da política e da ética que implica a prática do voto.

Portanto, se a manutenção da estrutura democrática é de fato tão trabalhosa, é preciso constantemente elencar formas de construir novos capítulos em sua história. Recentes ameaças à democracia, tais como líderes mundiais eleitos através de táticas como disseminação de notícias falsas, vêm reafirmando como conquistas civilizacionais jamais devem ser tomadas por garantia. Vitórias políticas que levaram décadas para serem alcançadas podem ser desmanteladas muito rapidamente, a qualquer altura da história. Entretanto, no cenário pós-verdade no qual a humanidade, especialmente a ocidental, está impregnada, narrativas baseadas em evidências parecem estar fora de alcance. Não coincidentemente, a paisagem social da pós-verdade é conveniente para sistemas de opressão sociopolíticos, socioeconômicos ou ambos.

É importante ressaltar que pessoas com acesso à verdade obstruído podem tender a optar por narrativas que oferecem conforto imediato. Em tempos críticos, não é incomum encontrar líderes que inventam narrativas narcisísticas, as quais apelam para as emoções muito mais do que para fatos objetivos. De fato, as pessoas “sempre inventaram mitos e estórias para trazer sentido à vida, assim como também o fizeram líderes que usam narrativas e retóricas para agitar com a emoção de sua audiência” (FOROUGH et al., 2019). Ao serem repetidas excessivamente, essas narrativas vão gradualmente apagando as fronteiras entre fatos e ficções. Considerando esse contexto, veremos



que a pós-verdade talvez não se trate de um fenômeno inteiramente novo. O jornalista Matt Taibbi (2018), em uma entrevista com Noam Chomsky, concluiu que a pós-verdade desmembra a essência da própria verdade, pois ela “é como a parábola do zelador de Kafka, que guarda a porta para uma verdade que foi construída especialmente para você” (TAIBBI, 2018).



Sem título, David Lagerlöf, 2016. Tess Asplund, uma ativista, se posiciona em oposição a manifestantes do movimento neo-nazi Nordic Resistance, na Suécia.

Jason Stanley (2018) observou que “o fascismo é um método de fazer política”, ou seja, “é uma técnica para chegar ao poder”. Nesse escopo, afirma que este é um jeito de conduzir candidaturas que se torna viável em momentos de grande ansiedade. Essa tática tem um pacote de características. Primeiro, constrói uma narrativa através da qual uma parte da sociedade passa a se enxergar como vítima. “Grande a um tempo, aquela sociedade foi destruída pelo liberalismo, pelo feminismo, pelo marxismo cultural, não importa” (STANLEY, 2018). O fascismo, para ele, é baseado sobretudo na mentira como tentativa de obscurecer a verdade. Líderes fascistas espalham mentiras porque lhes é fundamental deixar a fronteira entre verdade e mentira a mais nublada possível, enquanto um acordo coletivo a respeito de fatos é essencial para que democracias funcionem. Um passado grandioso e perdido faz parte da história contada por fascistas. Nesse ciclo retrógrado, há um elemento crucial: movimentos fascistas são extremamente masculinizados, carregados de símbolos ligados a hombridade, e muito mobilizados por uma decadência sexual na qual enxergam a



cultura se perdendo. Hannah Arendt (1951) constatou que o fascismo nunca se contenta com uma mera mentira, ele precisa convertê-la em “verdade”, persuadindo as pessoas a acreditarem em uma nova ordem infundada.

Ao passo que uma parcela da população sustenta e transpõe para a realidade tais categorias de discursos, são nutridas novas formas de fazer política no horizonte da pós-verdade. Contando com a validação popular, brotam líderes que erodem com a capacidade coletiva de estabelecer vínculos de confiança, causando danos irreparáveis em diferentes aspectos dos ecossistemas sociais. Em seu documentário *Hipernormalização* (2016), Adam Curtis também busca encontrar evidências de como o mundo alcançou um cenário em que a verdade deixou de ser a base das relações e passou a ser um conceito volátil. Curtis reparou, utilizando como ilustração o sonho original da União Soviética, que diferentes governos alimentam o falso sonho de um glorioso mundo alternativo para seus povos. As autoridades soviéticas pressupunham que um novo mundo não consistia somente em modificar a sociedade. Nesse plano, individualmente, cada pessoa deveria ser transformada em um ser humano elevado. Incapazes de sustentar essa narrativa, no entanto, a realidade idealizada pelo governo convergira com a realidade experienciada pela população cotidianamente. E, em meados dos anos 1980, tornou-se evidente que aquele sonho havia falhado.

A União Soviética, de acordo com Curtis, lentamente se transmutou em uma sociedade distópica, na qual as pessoas, entregues à desesperança, não tinham crença em qualquer coisa, muito menos tinham qualquer ideia de como o seu futuro seria. Naquele contexto, a violência cotidiana exposta pela utopia de um sistema falido, que não estabelecia comunicação com seu povo, tornou-se avassaladora. Os governantes do regime, que acreditaram poder controlar, monitorar e prever todos os aspectos inerentes ao sistema, falharam, levando o plano de uma sociedade perfeita para um abismo. Mas, como era necessário que a população soviética passasse a alimentar esperanças em um futuro melhor e a realidade não dispunha de recursos para isso, o governo passou a explorar novos métodos para fazer a sociedade “funcionar”. Foi assim que os tecnocratas da época, principais responsáveis pela manutenção social, decidiram simular que ainda tinham controle da situação, e que tudo ainda acontecia dentro das diretrizes iniciais do plano de governo.

A atitude do estado foi a base que deu origem à versão paralela da realidade soviética da época: aquela havia se tornado uma sociedade em que todas as pessoas sabiam que o que seus líderes diziam não era real, pois elas poderiam ver com seus próprios olhos que a economia estava ruindo. Mas, todos tinham que jogar o jogo, fingindo que situação era, de fato, real, já que ninguém conseguia imaginar qualquer outra alternativa (CURTIS, 2016). Como foi comentado anteriormente, a expressão *hipernormalização* foi criada justamente para designar o período em que a população



soviética se tornara tão anestesiada pela brutalidade da realidade em que estava inserida que não tinha sequer energia para vislumbrar alternativa ao status quo vigente. Aquela grande ilusão de progresso que ali reinou — bem como ocorreu em diferentes ditaduras em outros locais do globo — fez com que políticos tornassem os cidadãos complacentes com a falsa ideia de uma sociedade funcional. Sendo incrivelmente complexo imaginar alternativas para sistemas em colapso, é compreensível que governos e indivíduos tendam a apoiar-se em narrativas germinadas em realidades insustentáveis, de modo a amenizar crises.

Pensadores como Walter Benjamin (BEINER, 1984) e Vilém Flusser desenvolveram pesquisas que buscavam dissecar as transformações culturais e antropológicas ocorridas no mundo contemporâneo. Mais precisamente, as transformações exercidas pelo impacto da cultura midiática e imagética no tecido sociocultural. Para Flusser (2007), analogamente ao conceito de pós-verdade, o atual estágio da humanidade pode ser designado como pós-histórico. Diferentemente da antiguidade, a comunicação na atualidade se desenvolve não mais através de textos, mas pelo repertório imagético específico do nosso tempo, observa ele. Nesse horizonte, é importante ressaltar que cultura atual se constrói majoritariamente por imagens provenientes de diferentes aparatos tecnológicos midiáticos (FLUSSER, 2007). Isso pode nos levar a concluir que vivemos em um contexto dominado pela pós-história, pós-verdade e pela hipernormalização de absurdos. Ao admitir essa afirmação como um fato, pela ótica do campo das humanidades, paira no ar um questionamento inevitável: se o mundo é dominado por narrativas enganosas, como podemos passar a contar as histórias de outra forma?

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda N. **The danger of a single story**. TED Ideas worth spreading, 2009. 1 vídeo (18 min). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em: 22 de maio de 2020.

ARENDT, Hannah. **The origins of totalitarianism**. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Co., 1951.

COCCIA, Emanuele. **O vírus é uma força anárquica de metamorfose**. N-1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/021>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

CURTIS, Adam. **Hipernormalização**. Londres: British Broadcasting Corporation (BBC), 2016. 1 DVD (166 min).



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DUARTE, Rodrigo. **Pós-história de Vilém Flusser - Gênese - Anatomia - Desdobramentos**. São Paulo: Annablume, 2012.

FISHER, Mark. **Capitalist Realism: Is There no Alternative?** Winchester: O Books, 2009.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Towards a Philosophy of Photography**. Londres: Reaktion Books, 2013.

FOROUGH, Hamid; GABRIEL, Yiannis; FOTAKI, Marianna. 2019. **Leadership in a post-truth era: A new narrative disorder?**. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1742715019835369>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

FOTAKI, Marianna & PRASAD, Ajnesh. **Questioning Neoliberal Capitalism and Economic Inequality in Business Schools**. *Academy of Management Learning & Education*, 2015, Vol. 14, Nº 4, p. 556-575.

GIBSON, William. **Neuromancer**. Nova Iorque: Ace Books, 1984.

HARARI, Yuval Noah. **Yuval Noah Harari on the myths we need to survive**. Londres: Royal Geographical Society, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UTchioiHM0U&t=1389s>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

HARRELL, David Edwin; GAUSTAD, Edwin; BOLES, John; GRIFFITH, Sally Foreman. **Unto a Good Land: A History of the American People**. Cambridge: WMB Eerdmans Publishing, 2005.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

IRWIN, Terence. H. *Review: Socrates and Athenian Democracy*. *Palo Alto: Philosophy & Public Affairs*. Vol. 18, Nº 2, 1989, p. 184-205.

JAMESON, Fredric. **Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism**. Durham: Duke University Press, 1990.

LATOUR, Bruno. **Bruno Latour: “O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo”**. El País, 2019. Entrevista concedida a Marc Bassets. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html.

Acesso em: 20 de agosto de 2020.



_____. **Is This a Dress Rehearsal?** Bruno Latour, 2020. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-203-LEMONDE-VIRUS-GB.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

_____. **La crise sanitaire incite à se préparer à la mutation climatique.** Le Monde, 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/03/25/la-crise-sanitaire-incite-a-se-preparer-a-la-mutation-climatique_6034312_3232.html. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

_____. **Prof. Bruno Latour - The Anthropocene and the Destruction of the Image of the Globe.** 2013. 1 vídeo (1h13min). Publicado por University of Edinburgh. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4-l6FQN4P1c>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

_____. **We have never been modern.** Harvard: Harvard University Press, 1993.

STANLEY, Jason. **How Fascism Works: The Politics of Us and Them.** Nova Iorque: Random House, 2018.

YURCHAK, Alexei. **Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation.** Princeton: Princeton University Press, 2006.

ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism.** Londres: Profile Books 2018.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

¹ Chana de Moura é estudante do programa de doutorado em Artes Visuais da Universidade de Arte e Design de Linz, Áustria E-mail: chanademoura@gmail.com

² Hipercapitalismo é um termo usado por alguns estudiosos como crítica contínua da economia política para descrever uma forma relativamente nova de organização social capitalista marcada pela velocidade e intensidade dos fluxos globais que incluem uma troca de bens materiais e imateriais, pessoas, e informação.

³ A versão citada neste texto é o livro *Manifesto do Partido Comunista, 1848*, lançado pela editora L&PM, em 2009. A publicação é uma reprodução da versão original do texto de Karl Marx e Friedrich Engels, de 1848.